



O romance familiar na adolescência*

*Clara Nemas de Urman***, Buenos Aires

A autora considera que a análise do romance familiar da adolescência permite explorar a re-elaboração mítica pessoal do complexo de Édipo, o modo como o adolescente constrói e compreende o sentido de sua história vital no caminho da dependência infantil em direção à autonomia. O grau com que a certeza delirante ou a conjetura imaginativa intervém nesta construção, ou na ausência da mesma, se relacionará com a atmosfera emocional na qual o paciente vive e no desenvolvimento da análise.

Descritores: Adolescência. Romance familiar. Complexo de Édipo. Fantasia inconsciente. Objetos internos.

* Apresentado no IX Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e III Encontro SPPA-APdeBA de Psicanálise da Infância e Adolescência, Porto Alegre, set. 2007.

** Psicanalista Membro da Sociedade Psicanalítica de Buenos Aires.

O tema dos pais no tratamento de pacientes adolescentes pode ser abordado de forma tão ampla que abarque todo o espectro teórico da psicanálise, ou de forma tão pontual quanto a de um tópico específico de manejo técnico. Não vou me referir aos pais que se fazem presentes no consultório analítico, porque penso que é um problema de experiência e de singularidade frente a cada caso. O que, sim, creio que divide as águas entre os analistas não é tanto o que fazer com os pais concretos quando estes aparecem, senão como se entende os pais no material clínico e na transferência, qual é a geografia na qual nos movemos, qual é o conceito de realidade psíquica e o que entendemos por realidade externa, como conceitualizamos a família, etc.

Para participar neste encontro particular, escolhi o tema do romance familiar na adolescência. Por que esta proposta? Proponho que o romance familiar permite explorar a reconstrução mítica individual do complexo de Édipo, o modo pelo qual o adolescente vai construindo, dando um sentido e compreendendo a história de sua vida, no caminho desde a dependência infantil em direção à autonomia adulta. A maior ou menor certeza com que este romance se sustenta, o valor do ideal inalcançável, o sentimento de injustiça sofrido, seu caráter delirante ou sua ausência quando não chega a se constituir geram a atmosfera em que o paciente vive e na qual se desenvolve sua análise.¹

Algo de história

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (1939) retoma o tema da *romance familiar*, idéia que havia sido desenvolvida em um artigo publicado no livro de Otto Rank (1909) intitulado *The Myth of the Birth of the Hero*. Já no *manuscrito M*, Freud (1897) havia atribuído ao *romance familiar* a intenção do paranóico de tornar sua família ilegítima. Como tantas vezes ocorreu na história da psicanálise, esta primeira consideração patológica do *romance familiar* deu lugar ao reconhecimento da universalidade desta fantasia.

No livro de Rank (1909), o herói é definido como aquele que teve a coragem de rebelar-se contra seu pai e o venceu. Em sua pré-história pessoal, o herói nasceu contra o desejo do pai, ou sobreviveu às suas malignas intenções. É comum que tenha sido depositado em uma cesta nas águas de onde é resgatado, em geral, por uma família de condição humilde. Em 1909, Freud considerava que a fonte de

¹ Como neste momento prefiro pensar, o romance familiar reflete a relação com o outro enquanto misterioso ou o outro enquanto enigmático.

toda essa *ficção poética* é o que se conhece como a *novela familiar*, com a qual o filho reage a uma mudança emocional em relação a seu pai ou a ambos os pais. Freud toma como confirmação desta teoria o fato de que, tanto em sonhos quanto nos contos de fadas, as figuras dos reis e rainhas representam os pais supervalorizados da infância. Mais tarde, devido às decepções, mas também à rivalidade edípica, a criança começa a adotar uma atitude crítica em relação a seus pais. Portanto, as duas famílias do mito, a aristocrática e a humilde, são ambas reflexos da própria família da criança em períodos sucessivos do desenvolvimento emocional. A figura mais antiga a quem se atribui o mito do nascimento do herói é, segundo Rank, Sargão de Ágade, o fundador da Babilônia. Este mito segue, de modo mais ou menos reconhecível ou fragmentário, em figuras como Édipo, Perseu, Hércules, Gilgamesh e... Super-homem?

A extensão dos mitos e lendas sobre estes temas mostram que o tema da filiação e da paternidade permaneceu como um mistério que confronta a humanidade com perguntas eternas. A lenda das *crianças trocadas* nos países nórdicos vem desde a Idade Média até, praticamente, a atualidade, sendo, ainda hoje, utilizados talismãs para evitar o roubo dos bebês por elfos, bruxas ou demônios. Nesta lenda, os bebês são substituídos por filhos destes demônios, os quais querem um bebê humano para tê-lo como escravo a fim de obter seu amor ou por intenções malignas. Ou seja, a lenda das crianças trocadas, seqüestradas ou roubadas tem acompanhado o imaginário da humanidade, adquirindo distintas formas e sentidos e sustentando os maus-tratos de crianças e até mesmo o infanticídio.

Inclusive na atualidade, o livro que está causando furor no mundo adolescente, *Harry Potter*, descreve a história de uma criança que é deixada na casa dos tios. As pessoas que a deixam ali mencionam que, por fim, o feiticeiro tenebroso, o mais poderoso de todos os tempos, foi derrotado, mas levou duas vítimas: os pais de Harry, que eram bruxos. Dizem que ele também quis matar Harry, mas, por algum estranho motivo, a criança sobreviveu e o feiticeiro desapareceu. Enquanto Harry cresce, seus tios jamais lhe contam que é um bruxo, nem que seus pais o eram. Dizem-lhe que morreram em um acidente de trânsito. Harry é tratado durante anos como um empregado. Os tios o maltratam muito, mas ele tolera e aceita os castigos, até que, finalmente, chegam o reconhecimento e a revanche.

Mas nem sempre o herói requer uma filiação honrada; o mito do *self made man* da modernidade tem como antecedente o mito do *filho bastardo*, anterior à Revolução Francesa, que desconhece ou despreza a linhagem paterna para fortalecer a fantasia de autocracia.

Tudo o que emerge na adolescência existia antes da latência, e a novela familiar contém fantasias infantis. Bion (1970), além disso, considera que o mito edípico privado é uma parte integrante da mente humana. É a versão individual do mito edípico – neste trabalho, proponho que este toma forma na narrativa do romance familiar – que permite à criança fazer um contato real com seus pais. Isto é o que se encontra obstaculizado na psicose, quando a pré-concepção edípica foi atacada de modo tal que não há uma matriz interna através da qual apreender a relação entre os pais.

Melanie Klein (1920), em seu trabalho sobre *o romance familiar em status nascendi*, retoma a fantasia descoberta por Freud e explica a preferência de seu filho pela família dos vizinhos, de tal modo que não teria nascido de um expediente tão vulgar como a sexualidade dos pais.

Algumas reflexões sobre o complexo de Édipo

Do ponto de vista do desenvolvimento, a relação que se estabelece com os pais na latência sugere o vínculo com objetos internos, cuja autoridade advém da sua capacidade de produzirem alívio da ansiedade, por oferecerem-se como continentes dos aspectos infantis projetados. Estes pais não são vividos como objetos separados do *self*, já que esta separação não poderia ser tolerada sem angústia. Esta situação coincide com uma forte cisão que mantém os pais como objetos assexuados, de forma a assegurar o êxito do controle onipotente sobre eles. Mas o preço do controle do objeto é uma perda de liberdade do sujeito, liberdade que seria, nesse momento, equiparada à solidão e abandono. Entretanto, algo do movimento em direção à subjetivação, que surge com força na adolescência, desequilibra este modo de funcionamento a que denominamos latência.

É a partir do complexo processo de constituição do sujeito e, necessariamente, do objeto, que a conflitiva edípica é naturalmente reativada na adolescência. Isto leva à – resistida – discriminação entre sujeito e objeto, à conseqüente discriminação sexual e à possibilidade de que os objetos separados tornem a unir-se entre si, com exclusão do sujeito.

Em uma tentativa de organizar as múltiplas variáveis individuais que se apresentam em nossa clínica, propus em um trabalho anterior (1999), apresentado no Departamento de Infância e Adolescência da APdeBA, que esta nova chance de elaborar o complexo de Édipo na adolescência tem dois possíveis caminhos: um *paranóide* e outro *depressivo*.

Na *versão paranóide*, cultiva-se um ressentimento que se apóia em um sentimento de injustiça decorrente de um fato considerado como uma ofensa, a qual exige vingança. Na versão infantil – e simplificada para fins desta apresentação – do complexo de Édipo, a aparição do pai como uma figura significativa que interfere na relação da mãe com a criança é sentida como uma ferida profunda e imperdoável. Na versão adolescente, se agrega, segundo Meltzer (1998), a decepção do púbere diante do engano dos pais: a criança considerava que os pais *sabiam fazer bebês* e, agora, descobre que eles *somente têm relações sexuais*. Há ainda o agravante de ter que tolerar que, então, seu nascimento foi casual, não foi escolhido.

Esta concepção de mundo apóia-se na teoria segundo a qual os adultos são aristocratas despóticos que guardam para si os prazeres que a criança deve abandonar por submissão à autoridade. Quando a estatura deixa de ser infantil e ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, chega o tempo da vingança. A identificação com pais castradores e autoritários outorga um tipo de força que é desejada pelo poder que confere, mas também gera ressentimento pela submissão que exige. Esta situação pode permitir um êxito importante em algumas áreas da vida na qual a dependência à autoridade não é um impedimento, mas não favorece o desenvolvimento da verdadeira independência. Na configuração familiar, provavelmente resulte em famílias patriarcais ou matriarcais, ou mesmo na formação de famílias-gangue.²

Embora na *versão depressiva* do complexo de Édipo o crescimento seja promovido, nem por isso transita por caminhos fáceis. Frente aos sentimentos de injustiça que, no adolescente, têm uma carga tão importante, é essencial que os pais sejam justos, equânimes; é importante também que sejam fortes, que tenham paciência, disponibilidade e também que sejam bons.

O paradoxal pareceria ser que estas mesmas qualidades são as que despertam emoções terrivelmente violentas, provavelmente por rivalidade, por competição, mas também por outros motivos. Estas emoções violentas podem aparecer porque, ao existir uma forte presença de sentimentos amorosos junto aos hostis, há certa expectativa, ou certa esperança, ou confiança no que, em termos muito amplos, poderíamos chamar as próprias capacidades reparatórias. Mas, além disso, há uma esperança nas capacidades reparatórias presentes na relação dos pais entre si, nestes pais que *bancam a situação*, basicamente que não vacilam como tal.

Entretanto, junto com as qualidades de força, de equanimidade e de paciência dos pais, é necessário também que haja algo vulnerável, ou seja, que os pais também tenham que ser tocados por esta violência adolescente.

² N.T.: Familias pandilla, no original.

O romance familiar

Como psicanalistas trabalhando com adolescentes, constatamos que o adolescente deve fazer um trabalho duplo: o de destituição dos pais idealizados da infância, ao mesmo tempo que necessita poder conservar algo desses deuses colocado nos pais internos, que conservam as qualidades de força, sabedoria, justiça e bondade das quais falava acima, qualidades que podem, costumam e devem falhar nos pais reais, meros seres humanos.

Por que este trabalho é por vezes tão difícil? Temos visto que na puberdade aparece a confusão que havia sido mantida afastada pelos mecanismos obsessivos da latência. A confusão entre bom-ruim, feminino-masculino, agrega-se a confusão entre externo-interno. A necessidade de destituir a autoridade dos pais externos confunde-se com a queda dos pais internos, especialmente quando o apoio externo apresenta falhas importantes. O gradual abastecimento dos objetos internos, por identificação introjetiva, de conhecimentos, sabedoria e habilidades que reflitam os conteúdos da cultura, leva a que estas imagens internas tenham uma maior amplitude e riqueza do que os pais reais, estes com suas próprias limitações e possibilidades. Esta configuração interna é externalizada na adolescência e se localiza, se tudo corre bem, em figuras sociais, esportivas ou culturais. É necessário que os pais externos não interfiram no mundo adolescente provocando oposicionismo, mas também é necessário que os limites sejam mantidos suficientemente firmes e próximos, de forma que o adolescente não tenha que ir demasiado longe, em suas ações, para transgredi-los.

Seguindo o modelo de desenvolvimento adolescente proposto por Meltzer (1998), já mencionado, a desilusão que, em alguma medida, inaugura a adolescência no mundo interno corresponde ao dar-se conta que os pais não sabem fazer bebês. Esta desilusão permite à criança libertar-se da subordinação aos pais como uma divindade onisciente, e o efeito é a queda das certezas que até este momento sustentavam o mundo infantil. Na medida em que as palavras também perdem sua concretude e a criança descobre que podem ter diferentes significados em distintos momentos, o mundo adulto é vivido como hipócrita, quando não mentiroso.

A perda das certezas leva a duvidar de tudo e, certamente, a dúvida principal é a de ser o filho real de seus pais. O modo pelo qual o adolescente busca resolver este problema crucial de sua identidade implica uma divisão de águas: o jovem deve escolher entre a teoria de ser seu próprio pai, que de alguma maneira se fez a si próprio, ou que seus pais se encontram em algum lugar em um espaço social, novelesco ou abstrato: na cultura, em um grupo musical, nos esportes ou em um



ideal compartilhado. A idéia de que os pais estão em algum lugar possibilita à criança identificar-se com a comunidade adolescente. A decisão de aceitar a identidade de ser um simples adolescente na comunidade dos mesmos, ou de ser um indivíduo isolado que se fez sozinho e que tem uma missão única no mundo, uma missão grandiosa, representa uma decisão crucial para o jovem. Quando a queda da idealização dos pais não é acompanhada de uma capacidade de reconstruir esta idealização em uma direção mais concreta, o jovem se retira para uma organização narcisista na qual se constrói vivendo como pai ou mãe de si mesmo. Pessoas com estas características desenvolvem uma megalomania tranqüila, sentem que têm uma missão a cumprir no mundo. É muito natural para estes jovens pensar que sua própria existência é uma experiência única, pessoal, diferente de qualquer outra. Assim, a afirmação arrogantemente sustentada por Dario – “Eu não pedi para nascer!” – desnuda a convicção de poder controlar a cena primária. Ou, como dizia Julieta não faz muito, como se fosse alguém alheia à sua história, na qual haveria acabado por alguma injustiça: “Que posso fazer, se nasci neste corpo e destes pais?” Ou Vitória, uma paciente anoréxica que esculpia onipotentemente seu corpo por força de dietas e ginástica, de forma a negar o corpo dado por seus pais.

O adolescente está muito preocupado com sua identidade, com estabelecer quem é ele e com o problema do des/conhecimento. Um dos obstáculos que encontra para resolver estes problemas, tanto em relação à sua própria identidade como o ligado ao conhecimento, relaciona-se às dificuldades para tolerar os aspectos introjetivos da identificação com seus objetos, assim como a aprendizagem pela experiência. A identificação introjetiva requer um reconhecimento da dependência que resulta muito contrária à luta pela autonomia que ocorre na adolescência. Por outro lado, a aprendizagem pela experiência é uma renúncia ao imediatismo da aquisição do conhecimento. Esta renúncia é dificultada justamente pela mesma intolerância à dependência inerente a um processo de aprendizagem. O adolescente vive o conhecimento como o paradigma do poder dos adultos, ou pelo menos pensa que os adultos usam o conhecimento não como um instrumento, senão como uma arma que implica a sustentação do poder para submeter. Não é de estranhar que este conhecimento, assim concebido, constitua algo a que o/a adolescente desejaria ter acesso direto, algo de que quereria apoderar-se. O adolescente tenta fazê-lo mediante mecanismos que poderiam ser entendidos desde a perspectiva da identificação projetiva. Por este mecanismo onipotente, projeta no adulto a ignorância infantil tão depreciada quanto temida. Isto tem efeitos reais nos vínculos, já que o adulto fica excluído de um mundo com códigos e linguagem próprios, frente ao qual efetivamente é ignorante. Penso

que, embora até há pouco tempo, a via mais privilegiada pelos adolescentes de acesso direto ao conhecimento, e, portanto, ao poder, fosse o ingresso à sexualidade, atualmente temos que incluir as possibilidades oferecidas pela comunicação através de espaços virtuais que transcendem os fornecidos pelo mundo adulto, borrando fronteiras e provendo tecnologia, o que faz com que a formação acadêmica ou dependente de um mestre tenha perdido valor.

Possivelmente estejamos frente a uma época na qual a construção de uma novela familiar, que ajude a dar uma estrutura ao mundo interno, se encontre mais perturbada que em outras épocas, pelo contraste entre os valores do mundo externo e da cultura, por um lado, e as necessidades do mundo interno e seu desenvolvimento, por outro.

Mariano: a entrega da bandeira

Mariano tem dezessete anos, vive com três irmãs universitárias e seus pais, ambos profissionais. Cursa o quarto ano e tem baixo rendimento escolar. É encaminhado por uma psicopedagoga, a qual informou que Mariano tem um alto coeficiente intelectual, que seus problemas são emocionais e que sua dificuldade com a disciplina de História deve-se ao fato de que se sente infeliz com sua própria história, comentário que angustiou a mãe. O que é mencionado primeiro pelos pais, na entrevista, é a encoprese de Mariano até os sete anos. Na puberdade, os pais descrevem sua transformação de anjo em demônio, embora mais sociável e querido por seus companheiros. Em casa, gera um clima de agressão com suas atitudes: bate na mesa durante as refeições, come mal, acalmando-se somente quando, falando de futebol, consegue monopolizar a conversa com o pai e os namorados de suas irmãs. As irmãs costumam unir-se em um tratamento depreciativo em relação a ele. Joga bola na sala e é fanático por futebol. Conhece em detalhes a história da formação do Independiente (clube de futebol argentino) e a única leitura que o apaixona é *El Gráfico* (jornal esportivo). Permanece longas horas no computador montando times de futebol. Será esta sua novela familiar, uma família constituída somente por homens em um mundo de homens?

A mãe mostra-se desgastada, com desejos de abandonar a luta e “que seja o que Deus quiser.” Acusa o pai de apoiar o filho, como se admirasse a possibilidade que tem de rebelar-se, já que vivera submetido a um pai muito severo, e também de estimular sua paixão pelo futebol. Mariano é um excelente jogador, mas sempre teme *que o matem com chutes no campo de futebol*.

Na entrevista com Mariano, na qual se mostra muito comunicativo, diz que



quer tratar-se para poder fazer aquilo a que se propõe, por exemplo, estudar, mesmo que seja uma hora por dia. Está convencido de que assim o colégio tornar-se-ia muito fácil, mas tem medo de perder seus amigos caso se transforme em um bom aluno. Conta que passa o dia indo à casa de amigos e fazendo esportes. Começou a sair para dançar. Vai sempre a um mesmo lugar que está por fechar, e isto o preocupa muito. Relata um sonho no qual seus amigos vêm buscá-lo para sair e ele está com calças curtas e deve voltar para casa para trocar de roupa. As brigas com os pais em torno dos horários e permissões para saídas parecem ser um modo de encobrir sua fobia, transformando-a em um conflito geracional.

A praça próxima à sua casa é a sede de uma turma que lhe parecia muito interessante até que, numa ocasião, aproximou-se do quiosque um amigo do dono, de uns trinta anos, descrito como “um estúpido caminhando. Tinha um cheiro! E eu não podia acreditar no ambiente em que estava, em que ambiente me movia, pensava na minha mãe. Não podia crer onde estava! Não podia agüentar!”. O temor que eu o visse da forma como vira a *figura estúpida*, presa a um seio parasitado para não crescer; que não o visse em uma crise adolescente, mas como alguém já perdido, o alarmou.

Em uma sessão, Mariano relata um encontro com Candelária, uma colega de colégio de quem ele gosta e com a qual mandou seus amigos falarem em favor dele. Agora, porém, está um tanto arrependido, porque não vai saber se ela o escolheu espontaneamente ou porque seus amigos a convenceram: “No domingo fui ao campo do Independiente. Independiente contra Racing! Um clássico! Faltando meia hora entrou a *barra brava* com uma bandeira grande que dizia *Não à violência*. A bandeira vermelha... No colégio me diziam que eram uns bixas, em função deste não à violência. Eu disse a todos o mesmo: quando o River joga, o que acontece, se vais ao campo e matam o teu pai? Quando entraram, todo mundo começou a pular. Eu senti uma mescla de alegria e de tristeza. Que me importa a Candelária e o colégio, se tenho tudo isto? Me emocionei, mas depois pensei como podia pensar assim. O Independiente empatou, e o pai ficou mal, mas o que me importava mais era a bandeira. Parece-me que para o pai isso não importa tanto. O que faz com que isso me importe? Sabes o que eu disse para a Candelária? Te quero assim, tão intensamente como à bandeira!”

Martin: não acredita em nada

Martin tem dezoito anos. Atualmente está deprimido, *não acredita em nada* e afirma que não vale nada. Diz que vai mal em sua carreira porque não é o

melhor, mesmo que tenha notas muito boas. Os pais dizem que, “na hora de competir, prefere não fazê-lo para não perder”, que acredita que é *horrível* e que está *fora do mercado* porque pensa que as garotas são todas idiotas³. A mãe diz que, embora não seja feio, se percebe que é um garoto que está mal: “Qualquer um que o visse na rua perceberia”. Tem medo que se suicide e já lhe perguntou diretamente sobre isto. O pai não acredita que seja um suicida potencial. Martin lhes disse que não se mata por eles, mas insiste que não pediu para nascer. Vêem-no sem esperanças, “como se tivesse cem anos. Parece um fundamentalista em sua visão negra da vida”. Os pais parecem temer o filho, não sabem como dirigir-se a ele, temem dizer algo equivocado.

Em sua primeira entrevista, expõe seus problemas com uma certeza inquestionável; diz que seus problemas são genéticos e, portanto, insolúveis: sua baixa estatura, sua criação, sua educação em colégios medíocres, seus pais patéticos, o fato de não ter aprendido música desde pequeno, etc. Considera que já é demasiado tarde para solucionar seus problemas, ou que não há solução para os mesmos. Afirma que nunca terá namorada porque as garotas que lhe agradam não o escolheriam pelo seu físico; nem tocará em uma banda porque não aprendeu música quando pequeno; nem será popular, nem teve uma família estimulante intelectualmente, etc. Durante sua infância teve uma relação muito próxima e de muita admiração com seu avô paterno, ao qual, agora, deprecia por ser materialista. Admira uma parte da família paterna que se dedica à música, são reconhecidos no que fazem, mas são boêmios. Também mantém um bom vínculo com uma tia materna, a quem admira por seu desenvolvimento profissional. Pensa que minha tarefa como analista poderia restringir-se somente a tentar que ele se resigne à sua situação e que não a considere tão penosa. Seu contato comigo é polêmico e quer discutir de igual para igual; não tolera que lhe diga algo que tenha a forma de uma interpretação. Quando Martin necessita insistir que a análise não lhe dá nada concreto, que é um método que pode servir para outros, mas não para ele, penso que entra em jogo uma defesa contra o efeito da análise. Não considero que isto esteja relacionado exclusivamente à dificuldade para tolerar a dependência, ou a algum elemento invejoso ou erotizado no vínculo, mesmo que cada um destes elementos possa estar presente. Relacionado a aspectos psicóticos de sua personalidade, o temor de que haja um resultado frutífero, como consequência desta relação, implicaria em ter de abandonar uma fantasia delirante de que, se ele tivesse podido fazer-se a si mesmo, ter-se-ia feito perfeito. *Não me agrada a forma como me constróis como sujeito*, dizia-me Martim. Mas talvez pudesse

³ N.T.: Boludas, no original.



assustá-lo ainda mais – *não lhe agradar* – se um novo sujeito, bebê mental, pudesse surgir da análise como produto da relação significativa de uma dupla na qual há diferentes níveis de relação e dependência.

Juliana: “estou definida pelos pais que tive”

Juliana tem vinte e cinco anos, mas sua problemática relaciona-se com situações da adolescência que ficaram cristalizadas em seu mundo interno. Juliana tem uma irmã um ano e meio mais velha com quem vive. A separação dos pais, que ocorreu quando ela tinha quinze anos, surpreendeu-a totalmente. Sua vida passou a ser muito caótica, já que os pais estavam envolvidos em um conflito muito hostil entre eles, no qual as filhas ficavam presas. Toda a organização familiar entrou em colapso, e as duas irmãs pareceram ficar à deriva. A mãe entrou em um mundo esotérico no qual seu ex-marido era um demônio e qualquer aproximação das filhas em relação ao pai era considerada uma traição.

Quando Juliana completou dezoito anos, a mãe foi viver no exterior com uma amiga que as garotas consideravam como uma tia. Aparentemente formaram um casal. Até este ano a mãe não retornou à Argentina. Veio por uma semana e mantém com as filhas um contato telefônico esporádico. O pai encarregou-se das filhas, mas trata-se de uma personalidade obsessiva com pouco contato emocional. Juliana trabalha e, este ano, seu segundo de análise, decidiu começar uma carreira universitária. Até agora, mantinha contato somente com um grupo de amigos homens, ex-colegas de colégio. Sua melhor amiga suicidou-se no ano em que a mãe de Juliana emigrou. Desde então, Juliana não voltou a ter amigas mulheres, até que recentemente retomou o contato com algumas delas, com as quais viajou nas férias. Entretanto, todo movimento sentido por Juliana como um progresso era, ao mesmo tempo, lamentado, já que o considerava como um perdão a seus pais que não mereciam ter boas filhas. A hostilidade relacionada aos pais era atuada e dirigida a ela mesma, como filha deles, e, já na transferência, como minha paciente.

A contundência da história traumática tornava muito difícil a descoberta e reabilitação, no mundo interno, de um casal de pais valorizados. Encontrei-me trabalhando com Juliana na construção de uma nomenclatura que nos permitisse diferenciar estes dois mundos, o dos pais externos, aos que comecei a chamar por seus nomes de batismo, e o dos pais internos, aos quais chamava papai e mamãe.

Entretanto, Juliana parecia seguir pensando, apesar do que a realidade lhe mostrava, que seu pai seguia considerando sua mãe como a mulher de sua vida, e



Clara Nemas

que a mãe seguia amando o pai. Este foi o fio de Ariadne que nos permitiu um certo acesso ao romance familiar destes outros pais, que, embora não fossem os pais de alta estirpe do outro lado da montanha de Citerão, eram os herdeiros dos pais edípicos da infância que permitem a Juliana uma possibilidade mais esperançosa de poder constituir, ela mesma, um casal.

Conclusões

Considero que o romance familiar tem um valor estruturante no mundo interno, já que permite a proximidade suficiente com qualidades dos pais, mas também a necessária distância dos pais reais para que contenha também um elemento aspiracional. Uma paciente de trinta e três anos, que fez uma fuga para a vida adulta a partir do modelo não questionado dos pais, está quase paralisada ante a possibilidade de renovar seu quarto matrimonial. Isso implicaria modificar o desenho que havia copiado do quarto de seus pais, já que assim devia ser, com certeza, um dormitório. É a mesma que sente uma grande inquietação ante as dificuldades de seus filhos pequenos, os quais não coincidem com a versão idealizada que tinha do que viria a ser a sua família, um simples anexo da idealizada casa paterna. Há algo das crises adolescentes que não ocorreu nela, com convivência dos pais, que foram ampliando a casa familiar à medida que os filhos foram casando para que coubessem todos nela.

Penso que o romance familiar, no desenrolar transferencial, permite explorar a narrativa da fantasia inconsciente e entender o modo como o paciente constrói a história de sua vida, introduzindo algumas contos que certamente poderiam ser ordenadas de outro modo na reconstrução ativa do significado pessoal que a própria história vai adquirindo na análise. O romance familiar ensaia uma resposta aos mistérios das origens. E, como já disse no começo, a maior ou menor certeza que este romance mantém, o valor de ideal inalcançável, seu caráter delirante ou sua ausência, quando não chega a se constituir têm um valor importante na atmosfera em que o paciente vive e na qual se desenvolverá sua análise. □



Abstract

Family romance in adolescence

The author considers that the analysis of the family romance in adolescence allows for the exploration of the individual mythical re-elaboration of the Oedipus Complex; in other words of the ways in which the adolescent builds up and understands his/her personal history from infantile dependence towards autonomy. The degree in which imaginative conjecture or certainties intervene in the configuration of the family romance will influence the atmosphere in which the patient lives and in which the analysis evolves.

Keywords: Adolescence. Family romance. Oedipus Complex. Unconscious Fantasy. Internal objects.

Resumen

El romance familiar en la adolescencia

La autora considera que el análisis de la novela familiar de la adolescencia permite explorar la reelaboración mítica personal del complejo de Edipo; el modo en que el adolescente construye y comprende el sentido de su historia vital en el camino desde la dependencia infantil en dirección a la autonomía. El grado en que la certeza delirante o la conjetura imaginativa intervengan en esta construcción, o la ausencia de la misma, tendrá relación con la atmósfera emocional en que el paciente vive y en el desarrollo del análisis.

Palabras llave: Adolescencia. Novela familiar. Complejo de Edipo. Fantasía inconsciente. Objetos internos.

Referências

- BION, W. R. (1970) Attention and interpretation. In: *Social Science Paperbacks*. London: Tavistock Publications, 1975. p. 85.
- FREUD, S. (1897). Draft M. In: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. v. 1. London: Hogarth, 1966, p. 250-253.
- _____. (1909). Family romances. In: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. v. 9. London: Hogarth, 1959, p. 237-241.
- _____. (1939). Moses and monotheism. In: *Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*. v. 23. London: Hogarth, 1973. p. 11-15.

Clara Nemas

- KLEIN, M. (1920). Novela familiar “in status nascendi”. *Rev. Psicoanálisis*. v. 2, n. 3, p. 301-307, 1981.
- MELTZER, D.; HARRIS, M. (1998). *Adolescentes*. Buenos Aires: Spatia.
- NEMAS, C. (1999). *Los padres en el análisis de pacientes adolescentes*. Presentado en el Departamento de Niñez y Adolescencia de ApdeBA.
- RANK, O. (1909). *The Myth of the Birth of the Hero*. New York: 1914.

Recebido em 27/09/2007
Aceito em 20/11/2007

Tradução de **Ana Paula Lago Maines**
Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

Clara Nemas de Urman
French 3023
1425 – Buenos Aires – Argentina
e-mail: claranemas@gmail.com

© Clara Nemas de Urman
Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA